

O palácio de Apriés, Mênfis/Kôm Tumân: resultados de 10 anos de pesquisa

Maria Helena Trindade Lopes



Fig. 1 – Palácio de Apriés (vista de Sul para Norte)

O projecto arqueológico¹ concebido e realizado por uma equipa da FCSH/Nova, liderada por Maria Helena Trindade Lopes, entre 2000 e 2010, desenvolveu-se numa vasta área, com cerca de 220 000 m², que se situa na zona norte de Mênfis, em Kôm Tumân². O sítio, que abrange o “Palácio de Apriés” e o seu campo de mercenários, fica localizado a Norte de Mît Rahina e a Sul do moderno cemitério de Sheikh Said em Kôm Aziz, sendo hoje delimitado a Sudoeste e a Oeste pela aldeia de Ezbet Gabry.

Este palácio foi a residência oficial do faraó Apriés, o bíblico Hofra, quarto faraó da XXVI dinastia (Época Baixa), que governou o Egipto entre 589 e 570 a., em pleno Período Saíta (LOPES, 2010, pp. 27-31).

¹ Ver Lopes (2013, p. 36-38); Lopes (2012, p. 137-151); Lopes (2011, p. 247 – 258) e ainda Lopes (2010).

² Jeffreys (1985, fig. 9).

“O período saíta corresponde à XXVI dinastia e cobre aproximadamente um século e meio de história egípcia entre duas invasões do Oriente : a dos Assírios na 1ª parte do século VII a.C. e a dos Persas em 526 a.C.” (AGUT-LABORDÈRE, 2013, p. 965). A 1ª invasão pôs fim ao domínio Kushita no Egito e permitiu a emergência desta nova dinastia, saíta, que manteve uma linha de continuidade familiar até ao final do reinado de Apriés, pois em 570 a.C. um “golpe de estado” (AGUT-LABORDÈRE, 2013, p.965), levado a cabo pelo general Amasis depõe o faraó Apriés, dando início a uma segunda fase desta dinastia com Amasis e o seu sucessor Psamético III.

A primeira parte do período Saíta, abrangendo o longo reinado de Psamético I e ainda o reinado de Necao II, foi uma fase de libertação do domínio assírio e do crescente controlo territorial sobre o Egito (AGUT-LABORDÈRE, 2013, pp. 974-985). O segundo período, que corresponde ao século VI, e que cobre os reinados seguintes – onde se incluiu Apriés - foi uma época de mudança na relação do mundo egípcio com o espaço próximo, conduzindo a uma viragem da zona da Síria e da Anatólia para o Mediterrâneo³ – e depois do Mediterrâneo Levantino para o Mediterrâneo Ocidental.

Podemos, deste modo, afirmar que o reinado de Apriés veio, no fundo, no seguimento das políticas dos reinados anteriores iniciadas com Necao II de intensificação das relações com o Egeu, que conduziram à incorporação de homens e de bens de consumo no exército e no quotidiano egípcio, a ponto de como demonstra D. Agut-Labordère encontrarmos casos de gregos com postos de relevo na administração egípcia (AGUT-LABORDÈRE, 2012, pp. 293 – 306).

Mas então, que razão terá levado Apriés a mandar construir um palácio residencial em Mênfis, quando a capital era Saís, no Delta Ocidental?

Basicamente, por duas razões distintas mas complementares. É que o porto militar da frota Saíta foi provavelmente o *prw nfr* de Mênfis (AGUT-LABORDÈRE, 2013, p. 991; LECLÈRE, p. 43 e p. 71).

³ Ver Agut-labordère (2012, p. 219 – 234).

Mênfis era, à época de Apriés, uma capital cosmopolita, enriquecida com várias comunidades estrangeiras e um porto internacional (JEFFREYS; 2008, pp. 41-44). E a intensa actividade da frota egípcia, devido à alteração das rotas comerciais e diplomáticas, da terra para o mar, justificava uma presença mais constante nesta cidade. Por outro lado, governar em Mênfis reforçava a ideia de ligação com o passado que os reis saítas procuraram criar através da designação hoje já revista de “renascimento saíta” (AGUT-LABORDÈRE, 2013, p. 966). Mênfis era a capital de prestígio do passado.



Fig. 2 – Palácio de Apriés, vista a partir do campo de mercenários

Ora, foi exactamente no canto Noroeste da vasta planície menfita que se edificou o Palácio, erguido sobre uma colina artificial, com cerca de 13,66m de altura, e que segundo Kemp teria sido construída numa só fase, provavelmente a de Apriés (KEMP, 1977, p.103). “Anexo ao Palácio encontra-se o “campo militar” de Apriés, que se estende para Nordeste, Este e Sudeste, onde se teriam alojado vários grupos de mercenários, especialmente gregos e cários” (LOPES, 2010, p.39). Esta extensa área, abrangendo o Palácio e o Campo, era fortificada.

A descoberta deste palácio e do seu campo militar adjacente deve-se a W. F. Petrie⁴, um dos mais brilhantes “arqueólogos” da sua geração. No entanto, a primeira intervenção neste monumento, na zona Oeste da plataforma sobre a qual se ergue o palácio, foi levada a cabo por M. Daninos Pacha que, durante os anos de 1901 – 1902, ali descobriu um conjunto de bronzes que se encontram, actualmente, em exibição no Museu Egípcio do Cairo (PACHA, 1904, pp. 142-143).

Depois disso, o sítio foi deixado ao abandono até que, em 1976, B. J. Kemp realizou, durante dois dias, sondagens no Palácio, a fim de comprovar algumas das teorias formuladas por Petrie, nomeadamente no que dizia respeito ao carácter artificial da colina (KEMP, 1977, p. 106). Posteriormente, em 1989, a EES (Egypt Exploration Society), no âmbito do programa “Survey of Memphis” efectuou, também, 18 furos de sondagem a Oeste, Sudoeste e Noroeste de Kôm Tûman (KAMIL, 1983, p. 25; SMITH; JEFFREYS, 1986, pp. 90-91) e, segundo os resultados obtidos, as fundações do palácio de Apriés, no lado Oeste, seriam mais extensas do que aquelas calculadas por Petrie, no início do século (GIDDY; JEFFREYS; MALEK, 1990, p. 12). E só em 2000, uma nova equipa, neste caso portuguesa, retomou a investigação e os trabalhos arqueológicos neste sítio.

Durante os anos de 2000 a 2010, o trabalho arqueológico realizado pela equipa lusa desenvolveu-se por etapas, cumprindo objectivos determinantes para a compreensão deste sítio:

1. Efectuou-se uma prospecção sistemática de toda a área que nos permitiu, num segundo momento, circunscrever três zonas de escavação;
2. Realizaram-se vários furos de sondagem ao longo do campo, embora com maior incidência na zona Este, que nos permitiram estabelecer uma sequência de depósitos e alcançar o nível de ocupação do sítio;

⁴ Petrie (1909, p. 1-15) e Petrie (1910, p. 40-44).

3. Fez-se o levantamento topográfico de toda a zona, de modo a permitir-nos o registo rigoroso de todas as áreas intervencionadas.
4. Executou-se um estudo sobre os materiais e as técnicas de fundação e construção do palácio: analisaram-se os tijolos de adobe utilizados nesta magnífica construção, tendo-se comprovado a sua excepcional solidez e o seu excelente desempenho (resistência mecânica acima de 1 MPa em compressão). Efetuou-se ainda o estudo do assentamento destes tijolos que seguia, maioritariamente, uma sequência horizontal. O registo dos materiais em pedra foi realizado de forma exaustiva, em fichas tipo, com a informação: local, data, coordenadas UTM, descrição e fotos. A maioria dos elementos identificados, em calcário, correspondem a materiais de revestimento e pavimentação do palácio, mas também se reconheceram ombreiras de porta, um lintel e várias colunas e capitéis (sete dos capitéis e tambores de coluna identificados no sítio encontram-se no topo do palácio). Foi ainda registada a porta calcária localizada ao sul do palácio;



Fig. 3 – Registo dos materiais em pedra

5. Fotografou-se e desenhou-se o que restava do Muro de Vedação Norte⁵ do palácio, missão que foi cumprida na temporada de 2002.



Fig. 4 – Desenho do Muro de Vedação Norte (2002)

6. Realizou-se uma prospecção geológica com recurso ao método de georadar (GPR) que nos forneceu indicações mais precisas sobre as diferentes zonas do campo;
7. E, naturalmente, realizaram-se escavações em três áreas identificadas no sítio que correspondem a 3 espaços distintos de ocupação – uma área relacionada com a estrutura do Palácio, a Norte; uma área de habitat onde se fixaram as tropas mercenárias de Apriés, a Este, e uma área de armazéns, de apoio ao palácio e ao acampamento, a Sul.

⁵ A proximidade da aldeia de Ezbet Gabry e a actividade constante dos *sebakhim*, que regularmente vêm roubar adobe, para usarem como fertilizante na agricultura, levou-nos a tomar esta precaução. Ver desenho do Muro de Vedação Norte em Lopes (2010, p. 147).



Fig. 5– Escavação na zona Este



Fig. 6 – Escavação na Zona Sul

8. Simultaneamente, durante os anos de 2001 a 2010, todo o material, encontrado durante a prospecção ou a escavação, foi estudado e a sua análise foi metodologicamente dividida em 5 etapas principais: limpeza e lavagem dos materiais; marcação de todos os objectos com o código do sítio (MKT⁶ /ano), seguido do número do sector onde foi encontrado, a respectiva unidade estratigráfica, o número individual de peça e a data; catalogação de todas as peças numa base de dados que nos permite o estudo estatístico dos achados por tipologias, pasta de cerâmica ou unidade estratigráfica; desenho e tintagem dos objectos considerados mais importantes para o estudo das diferentes tipologias e fotografia de todos os objectos encontrados. Da grande quantidade e variedade de materiais encontrados, podemos identificar materiais desde o Império Antigo até ao Período Romano, embora a grande maioria dos objectos date do Império Novo e da Época Baixa.

Hoje, e depois de dez anos de trabalho arqueológico em Kôm Tumân, estamos em condições de afirmar que o sítio se organiza fundamentalmente em três grandes áreas de ocupação: uma a Norte, onde identificámos estruturas relacionadas com o palácio,

⁶ MKT corresponde a Mênfis, Kôm Tumân.

que nos permitiram estudar e reconhecer a plataforma de sustentação que serviu de suporte ao edifício, nivelando o terreno, protegendo-o das inundações do Nilo e permitindo ao Faraó controlar, do alto dos seus quase 14m, toda a região, incluindo a própria necrópole menfita, no deserto ocidental. Os materiais encontrados nesta área, a Norte do palácio, são datados na sua maioria do Império Novo, e foram identificados durante a escavação da plataforma de sustentação. Nas unidades de superfície recolherem-se, essencialmente, materiais da época Ptolemaica (333 - 30 a.C.) e Romana. Esta constatação permite-nos afirmar que a colina artificial sobre a qual o palácio se ergue foi construída com recurso a instalações do Império Novo como Petrie (PETRIE, 1909, 1) declarou e, mais tarde, Jeffreys (JEFFREYS, 1985, p. 43) também noticiou. A possibilidade de este palácio ter sido construído sobre as ruínas de palácios mais antigos parece, deste modo, cada vez mais plausível.

A segunda grande área de ocupação localiza-se na zona Sul, onde identificamos uma série de estruturas de prováveis armazéns de apoio ao próprio palácio. Os materiais encontrados são sobretudo cerâmicas e objectos datados da Época Baixa, o que nos remete para um período contemporâneo da dinastia saíta.

A terceira área de ocupação é uma zona de habitat, a Este do palácio, no “campo de mercenários” onde foi identificada uma casa com materiais de origem Grega confirmando a presença de populações estrangeiras⁷ na Mênfis da Época Baixa. Estas populações são referidas por Heródoto (II, p. 154) como sendo mercenários Cários e Jónios, que teriam vindo para Mênfis durante a XXVI dinastia a partir da aliança estabelecida entre Psamético I e o rei Lídio Gyges, em 662 a.C. (VILLING; SCHLOTZHAUER, 2006, p. 2). Petrie fala mesmo numa possível divisão da cidade por etnias e bairros (PETRIE, 1908, pp. 3-4) e Leclère sugere que as populações Gregas e Carias “(...) habitaient peut-être au nord-ouest de

⁷ Trigger, Kemp, O’connor, Lloyd (1999, p. 362); Bard (1999, p. 66); Lopes (2010, p. 30).

l'agglomération, près du complexe palatial” (LECLÈRE, 2008, p. 71). Deste modo, a casa com materiais gregos, identificada na zona Este do campo de mercenários do “Palácio de Apriés”, confirma esta presunção⁸.

O projecto desenvolvido, durante dez anos, em Kôm Tumân certificou, deste modo, não só algumas das teorias levantadas por Petrie, Kemp e Jeffreys no passado mas, sobretudo, acrescentou novos dados à compreensão da verdadeira importância do reinado do faraó Apriés e esclareceu as reais motivações da construção deste palácio residencial.

E o futuro?

O futuro talvez permita regressar a Mênfis e ao palácio de Apriés, mas agora com um novo olhar sobre a importância do sítio para o reconhecimento de uma realidade mais vasta, que não se confina a Kôm Tuman, mas que se estende a toda a área de Mênfis, a mais antiga capital do Egipto faraónico. Este é o desafio que David Jeffreys⁹, o maior conhecedor da área menfita, lançou a todas as equipas que trabalharam na zona.

Inch' Allah, a História o permita!

Referências

- AGUT-LABORDÈRE, D. “The Saite Period: the Emergence of a Mediterranean Power”. GARCIA, J. C. Moreno (ed.). *Ancient Egyptian Administration*. Leiden-Boston: Brill, 2013, pp. 965 – 1027.
- AGUT-LABORDÈRE, D. “Approche cartographique des relations des pharaons saïtes (664-526) et indépendants (404-342) avec les cités grecques”. CAPDRETREY, L.; ZURBACH, J. *Mobilités grecques: mouvements, réseaux, contacts en Méditerranée de l'époque archaïque à l'époque hellénistique*. Bordeaux: Ausonius, 2012, pp. 219 – 234.

⁸ A propósito do material encontrado nesta zona ver Lopes; Fonseca (2012, p. 586 – 587).

⁹ Jeffreys (2008, p. 41).

- AGUT-LABORDÈRE, D. “Plus que des mercenaires ! L'intégration des hommes de guerre grecs au service de la monarchie saïte”. SÉVE-MARTINEZ, L. (ed.). *Les diasporas grecques du VIIIe à la fin du IIIe siècle av. J.-C., Actes du colloque de la Sophau organisé à l'Université de Lille 3 les 11 et 12 mai 2012, Pallas 2012*. PALLAS 89, 2012, pp. 293 – 306.
- BARD, K. *Encyclopedia of the Archaeology of Ancient Egypt*. London: Routledge, 1999.
- GIDDY, L.; JEFFREYS, D.; MALEK, J. “Memphis, 1989”. *JEA* 76, 1990, pp. 1-15.
- HÉRODOTE. *Histoires*. II, Paris: Les Belles Letres, 1936.
- JEFFREYS, D. “The Survey of Memphis, capital of ancient Egypt: recent developments”. *Archaeology International*, 11, 2008, pp. 41-44, DOI: <http://dx.doi.org/10.5334/ai.1112>.
- JEFFREYS, D. *The Survey of Memphis*. London: EES, 1985.
- KAMIL, J. “Ancient Memphis. Archaeologists Revive Interest in a Famous Egyptian Site”. *Archaeology*, 38, 1983, pp. 25-32.
- KEMP, B. “The Palace of Apries at Memphis”. *MDAIK* 33, 1977, pp. 101-108.
- LECLÈRE, F. *Les villes de Basse Égypte au Ier millénaire av. J.-C.* vol. 1, Cairo: IFAO, 2008.
- LOPES, M. H. T. “The Apries Palace Project”. *EA* 42. London: Egypt Exploration Society, 2013, pp. 36-38.
- LOPES, M. H. T. “The Portuguese Archaeological Mission: The Apries Palace project in Kôm Tumân (Memphis)”. *Hathor-studies of Egyptology*. nº 1, Lisboa: Instituto Oriental FCSH, 2012, pp. 137-151.
- LOPES, M. H. T. *Mênfis: o rosto de Apriés*. Lisboa: Tinta da China, 2010.
- LOPES, M. H. T.; FONSECA, S. “O Palácio de Apriés, Mênfis/Kôm Tumân”. *Novos Trabalhos de Egiptologia Ibérica, IV Congresso Ibérico de Egiptologia*. Lisboa: Instituto Oriental e Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2012, pp. 579-589.

- LOPES, M. H. T.; FONSECA, S. "The Apries Palace, Memphis/ Kôm Tuman: The First Portuguese Mission in Egypt". *JARCE* 47. Cairo: Arce Cairo Press, 2011, pp. 247 – 258
- PACHA, M. D. "Note sur les fouilles de Métrahyneh". *Annales du Service des Antiquités de l'Égypte* 5. Le Caire: IFAO, 1904, pp. 142-143.
- PETRIE, W. M. F. *Meydum and Memphis III*. London: School of Archaeology in Egypt, 1910.
- PETRIE, W.M.F. *The Palace of Apries. Memphis II*. London: School of Archaeology in Egypt, 1909.
- PETRIE, W. M. F. *Memphis I*. London: School of Archaeology in Egypt, 1908.
- SMITH, H. S.; JEFFREYS, D. G. "A Survey of Memphis, Egypt". *Antiquity* LX, 1986, pp. 88-95.
- TRIGGER, B. G.; KEMP, B.; O'CONNOR, D.; LLOYD, A. B. *Ancient Egypt. A Social History*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- VILLING, A.; SCHLOTZHAUER, U. (ed.). *Naukratis: Greek Diversity in Egypt*. London: The British Museum, 2006.